

## A BELEZA SENSUAL DE LEILA E A VITALIDADE DE MATISSE

**Eli Diniz:** Como conheceu Leila Diniz? Nesse primeiro contato, algum traço de sua personalidade chamou-lhe a atenção de forma particular?

**Fayga Ostrower:** Eu a conheci do modo mais cotidiano possível. É que éramos vizinhas e freqüentávamos a mesma piscina, a piscina do prédio Raposo Lopes, em Santa Tereza, onde ela morava na época. E foi na piscina que a conheci. Ela devia ter uns 14 anos. Era, portanto, adolescente. Meus filhos eram muito pequenos, deviam ter uns cinco, seis anos, sendo, portanto, bem menores que ela. Mas, por alguma razão, ela deve ter gostado de mim. Vinha muito à minha casa, o que, aliás, era fácil; bastava atravessar a rua. Então, naquela época, nós nos víamos com bastante freqüência.

Eu achava graça nela. Ela era uma adolescente muito viva, muito sensível, muito interessante, no sentido de uma juventude toda aberta para a vida. Essa alegria de conhecer, de participar, essa curiosidade diante das coisas, você não encontra hoje tão freqüentemente entre os adolescentes.

Isso me impressiona; porque, além de artista, sou educadora e estou muito em contato com os jovens. A minha área didática é teoria da arte mas, os problemas essenciais da arte são na verdade problemas existenciais. Então, fico bastante impressionada ao ver as crianças de quatro e cinco anos com criatividade, curiosidade, e grande alegria ao descobrir o mundo e, dez anos depois, parece que são pessoas completamente diferentes. Já viveram a vida. Parece que não têm mais nada pela frente. Então, diante do que acontece hoje, a figura da Leila contrasta enormemente. Porque ela evoca uma juventude como eu acho que tem que ser a juventude, com vontade de se lançar na vida, e a alegria no descobrir a vida. A vida estava se abrindo para Leila. Ela não tinha se fechado dentro de si. Isso é o que realmente me impressionou, esse *élan* dela.

**ED:** Você acha que ela tinha uma ligação especial com seus filhos? Brincava muito com eles?

**FO:** Bem, havia uma diferença de idade muito grande. Não era uma comunicação intelectual, porque há evidentemente uma diferença muito grande entre uma criança de seis anos e uma jovem de 14.

**ED:** Se você tivesse que traçar o perfil da Leila, o que enfatizaria?

**FO:** Além de ser muito bonita, ela tinha essa vivacidade e essa abertura para o mundo. Era uma coisa contagiante, inclusive.

**ED:** Isso me parece importante porque, a meu ver, certos traços de personalidade são fundamentais para se entender porque Leila alcançou tanta projeção a ponto de tornar-se um mito. Esse é, aliás, um conceito polêmico, mas a mídia assim se refere a ela. Na sua opinião, porque ela se tornou um mito?

**FO:** Acontece que ela viveu em uma época em que se criaram certos mitos. Por exemplo, o mito Juscelino, otimismo, confiança. De certo modo, ela cristaliza essa esperança no seu próprio modo de ser. Acho que é isso que ela simboliza. É através dessa aura associada à sua imagem que se tornou um mito, por coincidir com uma época marcada por esse clima esperançoso, o que ganha realce sobretudo se a compararmos com o que veio depois. O que se seguiu foi um desastre, principalmente em termos de mentalidade, em termos até mesmo da maneira de enfrentar a vida, quase um estado depressivo que, nos anos 50-60, não existia.

**ED:** Talvez possamos fazer um contraponto entre tornar-se mito e virar moda. Há artistas que simplesmente viram moda. Num determinado período, fazem um grande sucesso, não se fala noutra coisa, aparecem a todo momento na mídia, enfim ocupam todo espaço possível. Mas, tão rápido quanto ascendem, caem no esquecimento. Não foi, porém, o que aconteceu com a Leila. Como explicar essa capacidade de permanência?

**FO:** Mesmo desconsiderando a ditadura, aquela década certamente tinha alguma coisa diferente. Hoje observa-se, com certa frequência, o fenômeno de as pessoas virarem moda e, daqui a seis meses, tudo acaba, sem deixar rastro. E surge logo uma outra moda. Isso se vê muito na arte também. É um fenômeno atual, a comercialização corroendo tudo, afetando todas as áreas criativas. Em 60, não havia ainda esse espírito de mercado, pelo menos na proporção em que existe hoje. Quer dizer, Leila tornou-se um mito, mas não foi comercializada como mito. Essa comercialização é devastadora, acaba com todos os valores. Hoje, o que temos é a mentalidade do descartável, a cultura descartável, a música descartável. Você hoje é alguém ou faz alguma coisa e amanhã tem que inventar rapidamente outra coisa para substituir a anterior e ser substituída, por sua vez; nada tem valor em si, nada ganha existência própria. Mesmo a personalidade das pessoas vira mera mercadoria.

**ED:** As coisas tornam-se voláteis, o que é, sem dúvida, uma conseqüência esperada, porque essa comercialização repousa, no fundo, em rótulos, em estereótipos. Em contrapartida, o que pode responder pela permanência de uma imagem?

**FO:** Creio que são identidades. Leila possuía uma identidade. E as pessoas, hoje, apenas têm um rótulo. Essa é a diferença. Ocorre, porém, que você só pode sobreviver como identidade. Não se pode sobreviver como rótulo. Esse sucesso, ou seja, o que hoje em dia é considerado sucesso, na verdade, não é nada, porque não repousa sobre nenhuma realização humana verdadeira. Só se a pessoa se realizar, dentro de suas potencialidades, é que terá alguma chance de eventualmente influenciar outras pessoas, de contribuir espiritualmente para a

ampliação do conhecimento e da sensibilidade das pessoas. Só assim. Esses rótulos não levam a nada.

Leila viveu num período em que efetivamente podia realizar-se, encontrar a própria identidade, sem ser forçada a comercializar-se. Isso eu acho uma coisa muito importante. Nisso ela representa uma década, uma década da qual as pessoas sentem saudade talvez por isso, porque ainda não havia essa poluição do *marketing* que é uma coisa muito empobrecedora.

**ED:** Poderia especificar um pouco mais o que você quer dizer quando afirma que Leila conseguiu projetar-se enquanto identidade?

**FO:** Quero dizer que ela conseguiu diferenciar-se dentro dela, naquilo que é Leila. Hoje, quando você fala em Leila Diniz, você tem todo um complexo de traços, de idéias e de comportamentos associados à sua lembrança. Sua maneira de ser, a alegria de viver, tudo isso está ligado à sua imagem. Essa maneira dela viver intensamente, de se realizar, se buscar, de realmente se colocar. E não uma imagem artificial sobrepondo-se à pessoa dela. Ou seja, há uma autenticidade que existia nela e tornou-se sua marca. Quando você pensa nos anos 60, 70 não é no *marketing* que você vai pensar. Mas, se você pensa na década de 80, nem falando de hoje, é o oposto que acontece.

Da política até a arte, em qualquer coisa que se faça, o importante parece ser apenas projetar uma imagem. Não querem ser, não procuram realizar-se através de suas próprias potencialidades. Essas potencialidades cada um tem que descobri-las no viver. Não é algo que se possa imitar. Você tem que viver. Você tem que enfrentar certas coisas, ultrapassar certos obstáculos. Leila começou a enfrentar a vida muito cedo, é verdade, ela amadureceu muito cedo. Mas teve coragem em fazê-lo. Teve força para não recuar. Acho que talvez seja por isso que ela deixou a sua marca.

**ED:** Você diria que Leila refletiu as aspirações de uma década?

**FO:** Não posso sequer dizer se ela refletiu tudo isso, porque, mais tarde, quando começou realmente a ser Leila Diniz, eu não tive mais contato com ela. Leila mudou-se, não morava mais em Santa Tereza e eu a perdi de vista. Então, não sei dizer se ela refletiu aquela década. Nem acredito que uma pessoa faça isso conscientemente. A gente vai e vivendo. Na verdade, você não programa o seu caminho de vida. A única coisa que você pode fazer é viver do melhor modo possível. Não há outro jeito. Olhando para trás, sim, você pode dizer, bem, meu caminho foi esse, eu fui daqui para lá, aconteceu isso, então, eu fiz tal coisa, casei, desquitei-me, enfim, milhares de coisas que acontecem na vida de cada um de nós. Mas o caminho de vida só se vê em retrospectiva, não se vê como programa.

Não se pode programar a própria vida. Você não sabe quem você será daqui a cinco anos! Então você não sabe como vai criar, que tipo de formas criativas você será capaz de revelar para si mesma. Em síntese, não sei se ela precisou refletir sobre seu tempo. Acho que ela precisou ser. Ela foi. Ela viveu. E esse viver é que é importante.

**ED:** Mas é possível dizer que ela foi o reflexo de uma geração?

**FO:** Não, nunca se é apenas o reflexo de uma década ou de uma geração. A pessoa elabora as coisas. E no fazer a gente dá a resposta. A toda hora

a vida nos faz perguntas. E somos obrigados a responder. Não acredito que cada resposta que damos diante de uma situação, diante das coisas que vão acontecendo, seja fruto de uma reflexão. Não há tempo. Você tem é que agir, realizar, fazer. E as respostas não estão prontas. Cada um tem que encontrar as suas respostas. Portanto, não acredito que uma pessoa seja apenas o reflexo de uma época. Por outro lado, o voluntarismo absoluto é uma ficção.

É claro que cada pessoa vive dentro de um determinado contexto e vai responder a esse contexto. Ninguém se situa fora do tempo ou do lugar. Mas que seja apenas um espelho, um reflexo de uma situação, não acredito. Sou absolutamente contrária à visão mecanicista das coisas. Nós elaboramos a vida, vivemos, experimentamos, fazemos, pois somos seres conscientes. Mesmo a pessoa mais inconsciente - você pode condená-la por ela agir cegamente - na verdade ainda é um ser consciente. Há um sentido nas coisas. Esse sentido revela-se através do ser, através do fazer. Tanto assim que eu acho que em tudo há responsabilidade. Qualquer forma de comportamento tem que ser vista sob o prisma da responsabilidade. Não somos seres inconscientes; somos conscientes. Por mais intuitivas que sejam as ações, mesmo assim são ações de seres conscientes. Portanto, acho que há sempre uma elaboração.

**ED:** Continuemos em torno desse tema. Se Leonardo Da Vinci não tivesse nascido no Renascimento, seria Leonardo Da Vinci?

**FO:** Teria certamente outras formas de expressão. Ele cristaliza o Renascimento. O humanismo encontra uma cristalização em tudo o que Leonardo Da Vinci fez e foi. Ele não se situa fora de sua época. O fato é que Da Vinci foi uma personalidade tão rica, tão profunda, que toca em algo da condição humana que é permanente. Nesse sentido, situa-se fora do tempo. Isto é característico de toda obra de arte.

Quando se vê uma obra de arte que foi criada há cinco mil anos, não se sabe quem foi o artista, em que condições ele viveu. No entanto, a obra permanece atual. Nas suas formas, você percebe o contexto social em que ela surgiu; e não poderia haver outras formas naquele contexto. Mas ainda existe algo mais profundo nisso tudo, que fala sobre a condição humana em si. É o que se coloca fora do tempo. Daí as obras expressivas poderem atravessar fronteiras geográficas e mesmo culturais, milênios, e continuar atuais. Então, há algo que transcende o contexto.

**ED:** Nesse sentido pode-se dizer que não envelhecem?

**FO:** As obras de arte podem se tornar antigas, mas nunca se tornam antiquadas. Não perdem a sua validade como expressão e continuam, inclusive, atuais para os nossos problemas, de hoje. Naturalmente, não pretendo comparar a vida da Leila a uma obra de arte. Mas, no que ela tem de expressividade, ultrapassa o momento.

Evidentemente, você teria que passar por cima de momentos incidentais. Se alguma vez ela deu uma resposta zangada, se deu uma resposta conformada, enfim, não é isso que conta. É no seu próprio ser, que ela nos transpõe para uma coisa mais profunda, que é sua vitalidade, a possibilidade de encarar a vida de uma determinada maneira. É isso que talvez possa interessar aos jovens de hoje...

porque é um traço de vida que se torna comunicativo para outras pessoas, permanecendo válido para além daquela época. Nisso há algo de uma obra de arte que, embora cristalice o seu contexto social, coloca-se também fora dele.

**ED:** Em geral, acredita-se que a capacidade de se atingir o outro, de se sensibilizar as pessoas deriva do conhecimento, vale dizer, da capacidade de generalizar. Não é esse o seu ponto de vista, não é ?

**FO:** Em termos de arte, eu afirmo o oposto. E o mesmo se aplica a Leila, porque os termos da arte são os termos da experiência de vida. Atrás de cada obra de arte ou dentro de cada obra de arte há a cristalização de uma experiência de vida.

Quanto mais profundo você for no viver a sua vida, tanto mais geral você consegue ser, tanto maior o alcance do que você faz. Quanto mais subjetivo, tanto mais objetivo você pode se tornar, se você tiver a capacidade de realmente aprofundar a sua experiência de vida e se for capaz de encontrar as formas de comunicação equivalentes a sua própria experiência.

O caminho vai através da vivência de cada pessoa. Daí eu serto contra essa comercialização, contra essa fabricação de imagens publicitárias das pessoas, como se fosse esse o sentido da vida. Não é. O sentido da vida é poder viver o mais plenamente possível. E isso ela conseguiu. Ela conseguiu viver plenamente, o que é muito difícil.

**ED:** E, o que é mais importante, ela conseguiu viver plenamente, quando o país mergulhava numa ditadura. Como vê esse contraste ?

**FO:** Quanto a isso, pode-se ver as reservas morais que ainda existiam no Brasil. No fundo, até mais ou menos a morte dela, em 72, na época do governo Médici, que foi o período pior, o país ainda tinha reservas. Levou alguns anos para acabar com o *élan* das pessoas. Pode-se dizer isso tanto em relação à vida da Leila quanto às manifestações intelectuais, nos vários campos da literatura e nas artes. Enfim, as coisas não morreram em 64. Ainda havia uma reserva muito grande. Inclusive, na música. Daí pode-se ver claramente que o aspecto criativo não é necessariamente verbal. Quer dizer, na época, não se podia mais falar. Então, procuravam-se outras possibilidades, caminhos alternativos de comunicação não-verbal e que, na época, eram muito eloqüentes. O próprio comportamento das pessoas era também eloqüente. Podia-se aprender muito, vendo como as pessoas reagiam. Na verdade, durante todos esses anos, e foram 20 anos, quer dizer, uma geração inteira, no fundo, o mais difícil foi sobreviver, sobreviver com uma certa dignidade. E ainda tentar criar.

**ED:** Sob esse aspecto, pode-se dizer que a Leila foi particularmente criativa ?

**FO:** Sim. Você não precisa restringir-se às palavras. Existem muitas vias não-verbais que são plenamente compreendidas e transmissíveis. As formas de comportamento são em si expressivas.

**ED:** E hoje, como se coloca esta questão ?

**FO:** Eu acho que o grande problema é justamente o massacre da sensibilidade das pessoas. Porque é através da nossa sensibilidade que somos capazes de criar formas não verbais. Uma fechadura do século XIV, por exemplo. Certamente o serralheiro a fez sem jamais pensar que estava fazendo uma obra de arte. No entanto, todas essas fechaduras agora estão em museus, porque são

tão lindas, tão maravilhosas! Há essa compreensão total do material, das formas, das proporções. Portanto, você pode ver que há muitas formas de comunicação que o ser humano sempre soube utilizar. Só hoje não sabe, porque, hoje, a sensibilidade das pessoas realmente está sendo massacrada.

E, veja, está sendo massacrada pelos meios de comunicação, dominados por esta comercialização. Na verdade, a eles não interessa educar a sensibilidade das pessoas, que poderiam começar a discriminar as coisas e deixar de ser tão passivas. Há, portanto, um verdadeiro processo de embotamento da sensibilidade.

**ED:** Por outro lado, não se deve esquecer que Leila projetou-se, em grande parte, trabalhando na televisão, nas novelas da televisão. A princípio era a TV Tupi, depois, a TV Globo. Acha que é possível dizer que ela foi um produto da TV?

**FO:** Não. Acho que, naquela década, ainda não havia a manipulação que ocorre hoje. Em si, acho a televisão maravilhosa, uma das grandes invenções e conquistas da inteligência humana. Mas esse tipo de manipulação comercial ainda não existia naquela época. É verdade que, pouco depois, entrou a ditadura militar e, além disso, a comercialização; assim realmente não sobrou muito da sensibilidade e criatividade das pessoas. Este processo talvez já estivesse começando na época. Mas não tinha esse poder que tem hoje.

**ED:** Se você, como artista, tivesse que pensar num pintor, cujo estilo mais se aproximasse do que a Leila foi ou representou como símbolo, quem lhe viria à imaginação?

**FO:** O pintor que mais se aproxima dessa vivacidade, desse calor, dessa beleza sensual que havia nela seria Matisse. Ele tem, na sua pintura, uma vitalidade que é mais do que apenas a afirmação da vida, e é muito rara hoje em dia na arte em geral.

A arte do século XX é quase sempre uma arte de angústia... Angústia, solidão, quase suicídio. O clima é terrível. Quando se observam as obras contemporâneas, quando se olha o panorama tanto do Brasil quanto internacional, 90% do que se vê é terrivelmente angustiante. É claro que cada artista tem formas peculiares. Mas, em geral, você encontra esse conteúdo expressivo nas obras. É difícil para o público aceitar a arte contemporânea, porque é muito difícil identificar-se com esse clima, embora seja uma verdade.

Um dos poucos artistas modernos que, ao invés de depressivo, afirma a vida, é Matisse. Nasceu em fins do século passado, e é contemporâneo de Picasso. Mas Picasso é muito mais dramático. São os dois grandes nomes do nosso século, os maiores, eu diria. Em Matisse, você encontra uma afirmação da vida, não é só uma alegria de viver, é uma grande vitalidade e a sensualidade do ser. Isso se aproximaria da visão que eu tenho da Leila.

**ED:** Muitos achavam que havia na Leila um quê de onipotência. Para algumas pessoas a coragem dela, o amor pelo risco, a tendência a aceitar todos os desafios, todo esse lado de sua personalidade estaria ligado a esse sentimento de onipotência. Que acha desta opinião?

**FO:** Não sei. Pense bem: ela teria tido muitas outras opções? Acho que ela fez o que foi possível. Por exemplo, a questão de lançar-se na carreira artística bem cedo e de forma totalmente espontânea, sem uma preparação prévia. Eu pergunto: ela poderia ter ido para uma escola preparatória? Acho que não,

primeiro porque nem existiam na época. E depois, mesmo que existissem, não sei se ela teria as condições materiais para seguir um curso preparatório. No fundo, ela deve ter andado meio como um sonâmbulo. Talvez até fosse um traço de sua personalidade. Mas é como você diz: há também uma dose muito grande de coragem. Não é só onipotência.

Tenho escrito vários livros sobre a criatividade. O último chama-se *Acasos e Criação Artística*. Nele reflito sobre os acasos que serviriam de inspiração. Na verdade, o tema representa um fio que me ajuda a entrar nessa meada complexa que é a criação artística. Eu acho que não existem acasos. O acaso é você. Cada um de nós, cada pessoa, é um acaso. Depois, as decisões de vida correspondem a necessidades suas. Não são acasos. Cada um só vai encontrar as coisas que procurou. Não vai encontrar outra coisa. Nesse sentido, os seus acasos são seus e os meus acasos são meus. Não existem nossos acasos. Cada um tem os seus acasos. Cada um tem dentro de si certas potencialidades, que só vem a conhecer através do próprio viver. Você tem que viver para poder descobri-las suas potencialidades. Por outro lado, uma vez que existem, elas tornam-se necessidades para a própria pessoa. A pessoa sente que há alguma coisa que a impele, uma inclinação, um talento, uma inquietação - e procura realizar essas potencialidades. Penso que Leila buscou aquele que foi o seu caminho, procurando-se, procurando as suas próprias potencialidades. No fundo, a gente passa a vida inteira se procurando. E cada um encontra a sua própria resposta, a partir do seu talento, de suas aptidões. Enfim, acho que ela teve que se descobrir, aceitando os desafios da vida.

*Entrevista feita em 26 de Janeiro de 1993*